



◀ busca dizem coisas incríveis. Assisto a isto quando vou buscar o pão ou quando me sento no café - aquela gente, sem qualquer tipo de terapia, sem ajuda de psicólogos, de psiquiatras, muitas delas analfabetas, o esforço que fazem para se fazerem entender e sobretudo para subsistir... Isto porque acima de todas as coisas existe aquela importância de se estar vivo, que eu não percebo. Se eu fosse uma mulher de 50 anos a quem quatro filhos e um marido morressem num mês no alto mar, tombava de uma ponte abaixo. Mas elas sobrevivem. Sabem qualquer coisa que nós não sabemos.

O sagrado e o profano, a vivência quotidiana da religião, a relação com Deus e o Diabo são temas do seu universo literário. E neste livro está muito presente a morte.

Tenho uma concepção estranha da morte; acho que é a nossa grande oportunidade. Se não for a morte que nos leva a algum lugar absolutamente incrível, não vai ser rigorosamente mais nada. A menos que se arranje um bilhete para os Açores, a vida é difícil.

Tenho esse fascínio de saber o que acontece no momento em que deslizamos a máquina. Dia sim, dia não acredito na vida depois da morte. Não consigo escapar à ponderação desse momento. Deus aparece nos meus livros mas maltrato-o muito. São Pedro como oficial de Deus neste livro também é mal tratado. Ser criado num país como Portugal, numa família relativamente católica, que de vez em quando vai à missa - nasci nesse respeito um bocadinho largo, lasso, não consigo deixar isso de fora.

Embora tenha nascido em África, em Angola.

Só lá estive até aos dois anos e meio. Cresci como uma criança muito feliz em Paços de Ferreira. Não tenho memórias de África, a minha memória mais antiga é do 25 de Abril. De

alguma forma foi o dia em que a minha cabeça nasceu.

No dia 25 de Abril de 1974 o meu pai tinha uma reunião no Banco de Portugal, em Lisboa, e fizemos a viagem na estradinha antiga, demorámos muitas horas. Não se ouviu rádio, não se tomou qualquer consciência do que estaria a acontecer e quando chegámos a Lisboa a memória que tenho é de estar num parque a brincar com um miúdo loirinho, de olhos azuis, e o meu pai aparecer aos gritos a dizer: "Antónia, Antónia é uma guerra, é uma guerra!" A minha mãe pegou em mim, começamos a correr para o carro, arregalei os olhos, fiquei espantado. Ouvimos uns tiros, provavelmente alguém a matar pardais [risos]. Tenho essa memória e a da expressão que aquele miúdo dizia: "Eu cá vou para o escorrega", "eu cá vou fazer isto". Nunca tinha ouvido tal coisa. Fiquei com isto para a vida toda. "Eu cá..." e o meu pai a gritar "é a guerra, é a guerra" porque não percebeu nada do que se estava a passar e ouviu uns tiros.

Também já afirmou que teve uma "meninice livre", permitida numa vila pequena como era Paços de Ferreira.

Cresci em Paços de Ferreira como uma coisa selvagem. O perigo era zero, vinha todo da nossa cabeça. Perigoso era se houvesse um buraco que não se visse e nos atirássemos lá para dentro. Às vezes sabia-se que os miúdos rachavam a cabeça e partiam as pernas, mas os perigos eram estes. Eram nossos, ninguém nos faria mal. Cresci assim, muito na terra, em cima das árvores e a subir aos castelos de madeira. Já havia muitos madeiros e muitas fábricas de móveis. A madeira fica empilhada e saltávamos de uns para os outros. Tive uma sorte danada por nunca me ter estropiado. Os meus amigos têm cicatrizes incríveis, uma lojinha de horrores.

Foi aí que frequentou a escola primária.

Não queria lá entrar porque o meu irmão me dizia que batiam muito. Faltei à primeira semana de aulas. Tinha medo. Era lingrinhas. Quando a minha mãe soube que eu fugia da escola convenceu-me ao dizer que se fosse à escola ia aprender a guardar as coisas dentro da cabeça.

Em vez de lhe perguntar o significado das palavras, aprendia a escrever, guardava tudo e a folha de papel era como uma caixinha. Era como se a minha cabeça entornasse coisas e eu depois podia entorná-las para dentro de uma caixinha. Quis ir à escola aprender aquela magia. Ali comecei a colecionar as minhas primeiras palavras. A ter com a escrita e com o texto uma relação fantasista em que a realidade era composta por coisas que nem toda a gente vê. Cada um tem que procurar as suas invisibilidades.

Nessa escola primária aprendeu com certeza a escrever com "letra grande". Mas, mais tarde, as maiúsculas desapareceram dos seus textos.

A dada altura percebi que as minúsculas ligam o texto, aceleram-no, precipitam o leitor. As vírgulas ficam menos virguladas e os pontos menos pontuados. Então as pausas tendem a ser mais breves. Há uma aceleração que se junta a uma certa urgência da história. O leitor fica sem travões.

Tem tido reacções de leitores? Dificulta-lhes a leitura?

Ao que sei, no início, a primeira reacção é um choque. As pessoas ficam aflitas, não sabem onde parar, não percebem onde a frase acabou. Mas o leitor menos preguiçoso habitua-se ao fim de quatro páginas e consegue deslizar. Consegue seguir naquela leitura com menos travões com alguma destreza. Fico contente quando percebem que este tipo de pontuação os leva mais rápido ao fim da história.

Como começou a arquitectar este romance?

Pelo Andriy [personagem] que vem

"Cresci muito calado. O que me entretinha eram as conversas dos outros. Fui guardando personagens dentro da cabeça, tonalidades. Aquilo que mais me impressiona tem que ver com as pessoas mais simples, que aparentemente parecem menos dotadas para a luta da vida e que vistas de perto são as mais resistentes"

